

Réquiem para um sonho: entre a psicanálise e a cultura

Comentários

Este livro, tomando como objeto de reflexão o filme Réquiem para um sonho, de Darren Aronofski, tem por objetivo discutir as contribuições do referencial psicanalítico acerca do sujeito da adição e de seu lugar na sociedade de consumo. Segundo essa análise, a sustentação do sintoma se dá pela via da incitação ao gozo imediato, o que se consagra na sociedade atual pela lógica midiática do espetáculo.

A temática foi trabalhada com enfoque no processo de auto-destruição e morte do sujeito e, portanto, a partir de sua derrota diante da impossibilidade de sustentar seu desejo, ampliado progressivamente pelas demandas da contemporaneidade. São discutidas questões acerca do corpo enquanto identidade e fronteira, da família e seu lugar na estruturação do sujeito, do reconhecimento da falta como condição fundante do desejo, do filtro codificador da mídia como mediador entre as questões subjetivas endereçadas ao Outro, e da força da fantasia de acesso a um “objeto-total”.

O desafio do livro é o de sustentar que, através do percurso teórico disponibilizado pelo arcabouço psicanalítico, é possível pensar o sujeito contemporâneo contemplando os modos de produção do imaginário nos níveis individual e coletivo (social), na busca de trazer à consciência o que opera como força inconsciente geradora de angústia.

Em tempos em que a experiência do presente detém o poder, em detrimento de um passado que se reduz à mera coleção de imagens visuais – parafraseando Jameson –, discutir o poder das imagens e da visibilidade como condição do reconhecimento social parece ser um auxílio pertinente na problematização deste giro paradigmático dos referenciais do sujeito contemporâneo.

--

São múltiplas as produções de arte contemporânea que se debruçam sobre as condições da nossa cons-tituição subjetiva. Espécie de jogo entre o destino que escolhemos para nossa vida e a obediência não de todo voluntária aos ideais de uma época, o assunto interessa porque reverbera o sentimento que, a partir de Freud e Lacan, mas muito antes deles pela própria arte, sabemos que não engana ninguém: a angústia. Como afeto que nos acompanha desde o primórdio dos tempos, ele ganhará diferentes formas de expressão ao longo da história. E sempre fará parte daquilo que o homem tem de metabolizar para construir uma vida civilizada, recalante dos impulsos que a própria angústia fomenta e que não admitem tempos demo-rados de descarga e alívio para suas tensões. O recal-que, com a concomitante instalação de um aparelho psíquico em cada sujeito, propiciará que um tempo de reflexão se instale e que a ação possa ser pensada antes de acontecer. Daí nasce a questão ética que temos de encarar na decisão de cada ato que realizamos e que se torna progressivamente inescapável quando, na história ocidental, afastamo-nos cada vez mais da determinação divina do nosso destino.

O homem, a partir de sua condição original de desamparo, estará obrigado a dar um destino a essa intensidade que o habita e a se responsabilizar por esta escolha. A alegação de inconsciência não nos vale mais desde os tempos, gloriosos para a arte, da tragédia grega.

Então, como assunto obrigatório, eis que a condição de subjetivação da assim chamada pós-modernidade vem sendo tratada pela arte e pela psicanálise. Curioso é que tentamos buscar a especificidade de nosso momento, as formas pelas quais se realizam os desígnios ditados sobretudo pelo mal-estar angustioso que impulsiona a nos livrarmos dele de maneira urgente. Mais que isso, é notável como a teoria assume a posição de denúncia de uma condição manipulada, forjando um atrito com as forças da história, assumindo ares de tentar deter, pelo seu questionamento, um movimento que nunca parou de se “auto-engendrar”. Nossa posição é a de correr atrás da história (já dizia Hegel), e o desejo de totalizar o que nos acontece, através da teoria, só consegue uma aproximação assintótica de sua meta. Há um resto que obriga a teorização a continuar porque, de fato, a história não pára de secretar ideais a serem atingidos.

O livro de Rosane Castilho tem a sabedoria de não se propor a esgotar o assunto que passa por tudo isto. O grande trunfo é a escolha de seu tema e objeto de análise: parte de um filme soberbo sobre nossa escravização a ideais de imagem, absolutamente dominantes, para falar de uma posição de subjetivação particular: nunca (?) se apostou tanto no discurso ideológico que promete a felicidade. Sempre soubemos da condição enlutada que é base para a vida em sociedade, mas agora tentamos suprimir esta sabedoria transmitida há muitas gerações, como se isto fosse possível. A trilha deste trabalho desvela diferentes momentos em que evitar a dor de qualquer perda se transforma num fim em si mesmo, e para o qual não se medem os meios. A anestesia parece ter virado um ideal, muito embora ela venha acompanhada de uma valorização robótica daquilo que supostamente é seu oposto, as sensações de adrenalina e de intensa vibração corporal.

Réquiem para um sonho, o filme, coloca a nu a morte bruta e o fracasso não mediado da repetição de maneira espetacular. Mas... a quantos filmes assistimos a respeito do mesmo tema, que tentam a mesma elaboração? Seria o caso de pararmos com tudo isto e aceitarmos a submissão àquilo que se impõe como mais forte?

Ora, seguindo as trilhas teóricas deste livro, sabemos que não é possível aceitar sem resistência a ditadura dos ideais. Não porque sejamos politicamente corretos, já que declarar isto seria assumir uma posição cabotina de enaltecimento, mas porque sabemos que os caminhos do desejo não necessariamente são os mesmos que percorrem os ideais. Daí a aposta na felicidade que a conquista do ideal promete mas não cumpre ser um dos grandes vilões da epidemia de de-pressão que ora (não) enfrentamos.

Depressão se trata com remédio, diz a medicina. Segundo Roudinesco, a categorização médica da depressão e sua cura concomitante abolem a noção de sujeito psíquico conceituada pela psicanálise freudiana, sujeito em eterno conflito com as formas de seu devir. Seria uma tentativa de supressão de nossa consciência trágica, que tenta alienar-nos de uma condição estrutural. Réquiem para um sonho fala de um uso enlouquecido e transgressor do discurso médico, que tem consequências catastróficas.

O caminho teórico deste livro dá inúmeras vias de reflexão ao leitor. Só que nenhuma delas aponta para o bem-estar de uma posição para sempre conquistada, nem teórica, muito menos de ordem existencial. Será preciso acordar a cada dia e decidir nossas escolhas, pensando que uma permanência exagerada em qualquer posição, tal qual a das personagens do filme, pode indicar a presença totalitária e infelicitante de um ideal. Se ele nos dá garantias imaginárias em demasia, será por elas mesmas que, mais dia menos dia, perderemos o que nos é próprio para o “nada” que nos esvazia depressivamente. Para conseguirmos um naco de felicidade, é preciso sustentar um desejo aguerrido, muitas vezes avesso ao ideal vigente de belo e de bom. Este desejo singular, e de resultado muitas vezes efêmero, pauta-se por qualidades em tudo opostas à homo-geneização mortífera de Eros, tal como Freud pensou a psicologia das massas.

Mauro Pergaminik Meiches